

O contexto do uso do livro didático no ensino dos movimentos da terra**The context of the use of the textbook in the teaching of earth movements**

DOI:10.34117/bjdv6n9-417

Recebimento dos originais: 16/08/2020

Aceitação para publicação: 18/09/2020

Mirtes Ribeiro de Lira

Pós-Doctor Em Educação

Instituição de atuação atual Universidade De Pernambuco Campus Mata Norte

Endereço completo: R. Amaro Maltez, 201 – Centro – Nazaré da Mata – PE CEP: 55800-000

E-mail: mirtes.lira@upe.br

Leylanne Dias do Nascimento

Bolsista Pibic/Cnpq

Instituição de atuação atual Universidade De Pernambuco Campus Mata Norte

Endereço : R. Amaro Maltez, 201 – Centro – Nazaré da Mata – PE CEP: 55800-000

E-mail: leylannedias@gmail.com

Maria Eduarda Souza Ribeiro

Voluntária Pibic/Cnpq

Instituição de atuação atual Universidade De Pernambuco Campus Mata Norte

Endereço : R. Amaro Maltez, 201 – Centro – Nazaré da Mata – PE CEP: 55800-000

E-mail: eduardaribeirosb@gmail.com

RESUMO

O referido estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que tem como finalidade conhecer a prática pedagógica do professor no processo de ensino-aprendizagem a partir da utilização do livro didático. Vale ressaltar que essa pesquisa faz parte do Programa de Iniciação Científica - PIBIC/CNPQ. Duas questões norteadoras serviram de base para análises: De que forma o livro didático é explorado pelo professor no ensino da Geografia? Até que ponto a prática pedagógica do professor de Geografia vai além do uso do livro didático? Foram observadas aulas de uma turma do 6^a ano do Ensino Fundamental na qual teve como conteúdo trabalhado “Movimentos da Terra”. Embora tenha sido empregado durante as aulas, o livro didático esteve presente em momentos pontuais de verificação para o acompanhamento do conteúdo ao ser explicado pela professora. Isso significa que ainda é necessário que o professor saiba explorar melhor o livro didático, indo além de um recurso de apoio durante as aulas. Desse modo, a pesquisa revelou a partir das observações na sala de aula que ainda se faz necessário que o professor saiba explorar melhor o livro didático indo além de um recurso de apoio durante as aulas.

Palavras-chaves: ensino de geografia, prática pedagógica, livro didático.

ABSTRACT

The referred study is a qualitative research, which aims to know the pedagogical practice of the teacher in the teaching-learning process from the use of the textbook. It is worth mentioning that this research is part of the Scientific Initiation Program - PIBIC / CNPQ. Two guiding questions served as a basis for analysis: How is the textbook explored by the teacher in the teaching of

Geography? How far does the geography teacher's pedagogical practice go beyond the use of textbooks? Lessons were observed in a class from the 6th year of elementary school in which the content "Movimentos da Terra" was worked on. Although it was used during classes, the textbook was present in specific moments of verification to monitor the content when explained by the teacher. This means that it is still necessary for the teacher to know how to better explore the textbook, going beyond a support resource during classes. Thus, the research revealed from the observations in the classroom that it is still necessary for the teacher to know how to better explore the textbook, going beyond a support resource during classes.

keywords: geography teaching, pedagogical practice, textbook.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia Escolar por muito tempo se mostrou como uma disciplina desestimulante para os alunos, posto que os conteúdos fossem trabalhados de forma fragmentada e descontextualizada. Trazendo para uma visão globalizante, ressaltamos que o ensino de Geografia é construtor de "consciência cidadã" a partir do momento que possibilita o aluno fazer uma leitura analítica e crítica sobre a realidade que o cerca.

Um dos materiais didáticos que está intrinsecamente ligado ao ensino da Geografia é o livro didático, que em muitos casos é o único condutor das aulas. Callai (2000, p.133) destaca a importância do livro didático para a "construção da identidade e do pertencimento das pessoas, de modo que sejam capazes de respeitar e valorizar o lugar em que vivem".

Em vista disso, é importante que o professor tenha o livro didático como importante recurso na construção do saber e que saiba utilizá-lo de forma apropriada tanto para o desenvolvimento dos conteúdos, como também para promover discussões críticas a partir dos mesmos.

É válido salientar que o livro didático de Geografia sofreu transformações significativas quanto a sua produção em decorrência da evolução da ciência geográfica. A princípio, com a Geografia Tradicional, o material didático era baseado em métodos comparativos, em que os conteúdos eram fundamentados na relação ser humano-natureza.

Vesentini (1992, p.40) afirma que essa produção didática não se aplicava a realidade dos alunos, tendo como função apenas "seguir o programa oficial". Assim, os livros didáticos produzidos neste período não se preocupavam em desenvolver a criticidade dos alunos sobre o espaço geográfico, à medida que trabalhava conceitos prontos, fazendo com que a Geografia fosse vista como uma ciência de memorização.

Ainda assim, a escolha do livro didático pelo professor merece atenção, pois esses materiais podem apresentar ideias tendenciosas e nem sempre imparciais para atender uma demanda específica para sua aprovação e veiculação.

Outro aspecto a ser destacado, são as críticas direcionadas à utilização restrita do livro didático na sala de aula, uma vez que os conteúdos de Geografia oferecem vivências práticas para os alunos, que muitas vezes não são apresentadas nos livros didáticos. Dessa forma, cabe ao professor ter uma visão crítica no momento da escolha do livro didático no sentido de atender aos objetivos de sua proposta de ensino e a realidade onde trabalha, e que o mesmo sirva como complemento das atividades didático-pedagógicas realizadas dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, torna-se imperativo um trabalho de sensibilização e de demonstração da importância da escolha dos livros didáticos.

A partir do exposto, situamos este estudo nas análises das aulas observadas sobre o conteúdo “Movimentos da Terra” em turma do 6º ano a partir de três pilares: prática pedagógica, livro didático e o ensino de Geografia. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar como ocorre à prática pedagógica na utilização do livro didático de Geografia em sala de aula.

2 O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Ao situar a Geografia e acompanhar a evolução da mesma, podemos observar que é uma ciência relativamente recente – mesmo tratando de indícios de uso de temas geográficos antes da Idade Média – ainda apresenta dificuldades na definição do campo de domínio de estudo.

Os estudos e bases da disciplina foram unificados nos paradigmas de estudos alemães e franceses, e posteriormente das primeiras escolas de debates da Geografia como ciência, e no decorrer do tempo, firmou-se como ciência autônoma com seu objeto de estudo como as relações do homem e espaço (MORAES, 1994).

Conforme Amorim (2009), o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência deu-se a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos alemães Ratzel, Ritter e Humboldt e dos franceses Eliséé Reclus e Vidal de La Blache. Enquanto a escola alemã era fundamentada na corrente filosófica determinista, que defendia a subserviência do homem ao meio, por outro lado, a escola francesa era baseada no possibilismo, em contraposição aos ideais alemães.

Quanto ao ensino da Geografia como ciência no Brasil, a mesma começou nas Universidades do Sudeste (com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Universidade de São Paulo – USP) na década de 30, através do professor francês Pierre Deffontaine. Conforme Ferreira (1998), para Deffontaine, enquanto intelectual e militante católico, além de ensinar e orientar pesquisas acadêmicas, seria fundamental também o processo

de formação de futuros professores articulado à formação de futuros pesquisadores, geógrafos exploradores, de um Brasil muito pouco estudado pelos próprios brasileiros.

Contudo, Amorim (2009) ressalta que o Movimento de Renovação da Geografia no final da década de 1970 é considerado como marco inicial no Brasil, das inovações nos processos metodológicos da Geografia escolar.

Partindo desse pressuposto, destacamos que o ensino da Geografia é construtor da consciência cidadã, e que esta ciência traz do espaço natural relacionado à inferência do ser humano, tornando o estudante capaz de fazer uma leitura analítica e crítica sobre a realidade que o cerca. Para tanto, se tem a relação do meio físico com o ser humano.

É importante ressaltar que a criticidade na Geografia, assim como a própria ciência, é algo mutável. A construção da criticidade dentro do contexto escolar deve ser trabalhada de acordo com a vivência, cultura e época da qual os alunos estão inseridos. Deve abranger temáticas atuais e contextualizadas e edificada entre professor-aluno, pois, assim como afirma Vesentini (1992, p.56) “o ensino crítico de geografia pressupõe a recusa de qualquer modelo; não há assim nenhuma crítica escolar pronta”.

Ao situar a Geografia, Cavalcanti (2012) assinala que, atualmente, a Geografia na escola presta a propiciar ao aluno a construção de conhecimento pelo viés da espacialidade das coisas, fenômenos, objetos e pessoas, buscando sempre a efetivação de raciocínios espaciais. Por isso, é essencial o entendimento sobre como o livro didático tem sido pensado para a educação escolar brasileira e, nesse sentido, como a Geografia é trazida pelos livros didáticos.

Para auxiliar nas aulas de Geografia, é relevante que o livro didático desperte a atenção do aluno sobre as temáticas apresentadas e que o instigue à questionamentos que levem a construção do pensamento crítico. Em concordância com Vesentini (1992, p.122) quando reconhece que “o bom livro didático deve levar o aluno a ler e refletir, a engendrar conceitos ao invés de recebê-los completamente acabados ou definidos”.

É preciso pontuar, que a evolução da ciência geografia resultou transformações significativas quanto à explanação de conteúdos nos livros didáticos e na sala de aula. A Geografia Tradicional evidenciou uma ciência com conceitos prontos e inquestionáveis, que era notado nos livros didáticos da época, como afirma Andrade (1989, p.58), esses materiais eram “inteiramente voltados para a exploração da memória”. Com desenvolvimento da Geografia e adequações na produção de livros didáticos, esse recurso vem sendo fabricado e utilizado de maneira mais crítica, embora, não se tenha desprendido totalmente das amarras dos ideais hegemônicos.

Outro fator determinante nas significativas mudanças dos livros didáticos de Geografia foi, sem dúvidas, a implantação do governo federal de um sistema para avaliações de livros didáticos para a educação brasileira, com a finalidade de despertar uma melhoria nas obras utilizadas.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem, em suas principais finalidades, a avaliação, a aquisição e a distribuição universal e gratuita de livros didáticos para o Ensino Fundamental público brasileiro (BATISTA, 2005).

Com isso, foi estabelecidos critérios de avaliação que ocasionou no estímulo das editoras a melhorarem a qualidade dos livros didáticos. Segundo Castellar e Vilhena (2011, p.142) “O sistema de avaliação do livro didático proporcionou outra postura dos autores e editoras em relação ao compromisso que se pode ter com a melhoria do ensino na escola pública”.

Ainda que o livro didático tenha sofrido progresso na sua produção, o professor é agente indispensável no processo de escolha e utilização. Para tanto, é necessário que ao escolher o livro que será empregado, o professor se atenha a analisar qual atente melhor as necessidades de sua turma. Postucschka, Paganelli e Cacete (2009 apud SILVA e SAMPAIO, 2014), alegam que o professor deve levar o processo de escolha do livro didático à reflexão, e que não pode ser executada de maneira aleatória.

Além do processo de escolha, é fundamental também que professor saiba empregar o livro didático em sala. Ao reconhecer as particularidades de cada turma e desfrutar de um posicionamento autônomo frente ao livro didático, a adequação desse material se torna mais fácil e proveitosa, fazendo com que seu uso seja pontual para determinadas especificidades da aula.

À vista disso, o livro didático precisa ser encarado como ponto de apoio para aulas, e não como fator determinante de regra a ser seguido. Para Andrade (1989, p. 57) “o professor deve levar em conta que não é um autômato para repetir ou se limitar ao livro, tem que utilizá-lo considerando as peculiaridades das várias turmas para as quais leciona de acordo com o interesse e a capacidade de assimilação das mesmas”.

Vale destacar ainda, que a forma que os conteúdos de Geografia trabalhados com o uso do livro didático são singulares em cada instituição de ensino, embora o material seja o mesmo trabalhado em diversos espaços escolares. Pois, o professor ao lidar com esse material, aplica também suas vivências e posicionamento frente aos conteúdos.

Callai (2001, p.143) reconhece que “o conteúdo trabalhado nas aulas de Geografia é aquele ligado à forma como o professor reconhece esta ciência, portanto não é algo inventado aleatoriamente, mas sim um conhecimento do mundo”. Esta afirmação, somado às experiências

dos alunos e aos cenários sociais e culturais a qual estão inseridos, acentua ainda mais a individualidade do contexto do livro didático nas aulas de Geografia.

Conforme Rojo (2005) a utilização do livro didático em sala pressupõe no mínimo a existência de três tipos de relações entre: (1) o professor e estudantes que o utilizam; (2) os métodos e conteúdos, nesse caso estabelecem uma relação tríade professor-metodologia-estudantes e (3) do contexto social inserido o ambiente escolar.

Estes elementos interligados foram o foco desta pesquisa que busca refletir sobre a utilização do livro didático pelo professor no contexto da sala de aula ao desenvolver o conteúdo de Geografia.

3 METODOLOGIA

O embasamento da pesquisa se deu na relação professor-aluno, no aparato em que o livro didático é posto como ponto chave da pesquisa, delineando limitações e precisões da necessidade de seu uso para a construção de conhecimento.

Trazemos como questões da pesquisa: De que forma o livro didático é explorado pelo professor no ensino da Geografia? Até que ponto a prática pedagógica do professor de Geografia vai além do uso do livro didático?

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que tem como finalidade conhecer a prática pedagógica do professor no processo de ensino-aprendizagem a partir do livro didático. Como estratégia metodológica, trata-se de um estudo de caso, por ter como finalidade retratar uma “unidade em ação” (LÜDKE; ANDRÉ, 2000).

É importante acrescentar, que o referido estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco, cujo CAAE nº 12396319.2.0000.5207.

A pesquisa foi realizada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola pública municipal de Buenos Aires – PE. Participaram desta pesquisa a professora de Geografia pertencente à referida escola e seus respectivos alunos, de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. O livro utilizado pela professora pertence à Coleção Geografia de Helio Garcia e Paulo Roberto Moraes, especificamente no conteúdo sobre “Movimentos Terrestres e Consequências para os Seres Humanos”.

A escolha do conteúdo “Movimentos da Terra” se deu que no momento da realização da pesquisa, onde a professora iria ministrar o respectivo conteúdo em vários encontros na sala de aula. No total foram 08 aulas observadas, sendo duas aulas por cada encontro, totalizando 04 encontros durante 01 mês.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das aulas observadas e das anotações do diário de campo foi possível analisar a relação do uso do livro didático de Geografia com as estratégias e metodologias de ensino utilizadas pelo professor e as atividades realizadas pelo aluno em sala de aula. O *corpus* da pesquisa foi construído de temáticas na qual denominamos de “episódios de ensino”. Os episódios de ensino são considerados por Barros (1996), por momentos em que uma situação vivenciada em sala de aula torna-se explicitas a partir de uma sequência de falas. Conforme o referido autor pode ser considerado como episódios de ensino: momentos de discussões, abordagem da professora junto ao grupo, levantamento e confrontação de hipóteses, interação a partir de perguntas e respostas, entre outras. Nesse contexto, episódio de ensino é um recorte de aula, uma sequência selecionada que se caracteriza por processos de busca da resposta para uma questão, e que têm como característica apresentar um ciclo completo no processo de interação entre o professor e estudantes mediada por recurso didático, atividades ou uma situação de ensino.

Deste modo, apresentaremos os episódios dos momentos da sala de aula onde o uso do livro didático se fez presente nas estratégias didático-pedagógica da professora ao trabalhar o conteúdo “Movimentos da Terra”, são eles: (1) Movimentos da Terra e suas consequências para o ser humano; (2) Fuso horário e (3) Estações do ano.

No primeiro episódio sobre “Movimentos da Terra e suas consequências para o ser humano” a aula inicia com apresentação de imagens do planeta Terra pelo datashow, na qual os alunos acompanham com o livro nas páginas que trata sobre esse conteúdo. A explicação da professora é mediada ora pelas imagens projetadas pelo datashow, ora pela leitura de trecho do livro e ora exemplificando. Contudo, durante a sua explicação alguns questionamentos foram feitos e respondidos por ela mesma, não oportunizando os alunos participarem.

O segundo episódio trata do “fuso horário”, a professora inicia a aula solicitando aos alunos abrir página do livro que trata do conteúdo, fazendo o seguinte questionamento: “O que aconteceria se todos os lugares da Terra tivessem o mesmo horário?” Alguns alunos levantam hipóteses, como:

“As estações do ano seriam reduzidas para apenas o verão e o inverno.”

“Tudo seria noite.”

“Alguns lugares seriam noite mesmo com o horário do dia.”

Nesse momento, a professora desenha no quadro uma representação do planeta Terra e do Sol, e começa explicar o conteúdo fazendo um resumo da aula anterior. Nesse contexto, a professora faz relação do fuso horário, a aula é bastante participativa e os alunos encontram-se

envolvidos, uma vez que a professora consegue utilizar o livro didático de forma dinâmica durante sua explicação. No entanto, a atividade proposta pela professora para os alunos não faz parte do livro, porém, o mesmo serve de suporte para os alunos na resolução do exercício, sendo consultado frequentemente pelos alunos nesse momento.

O terceiro episódio aborda as “Estações do Ano”, na qual aula é iniciada com a apresentação de um vídeo sobre o referido conteúdo. A professora diz que o vídeo servirá para a realização de uma atividade e por isso solicita aos alunos escreverem no caderno o título “Estações do ano”. Passado alguns minutos a professora interrompe no momento que trata sobre a “hibernação” para falar sobre a importância desse período para os animais. O vídeo segue, sendo interrompido quando trata sobre o “período das frutas”, para explicar a disponibilidade das frutas de acordo com as estações, e é acrescentado um comentário sobre as mudanças climáticas a partir da ação humana.

Na continuidade, a professora dá outra pausa e destaca o momento de quando se dá as estações do ano, se dirige ao quadro e desenha o planeta Terra inclinado para explicar como ocorrem as estações do ano. O vídeo finaliza e a professora solicita que os alunos transcrevam uma parte do livro onde consta o posicionamento da Terra durante o ano, finalizando a aula.

Nos três episódios analisados, foi possível observar a presença constante do livro didático e suas finalidades em cada aula em momentos específicos, não sendo o condutor das aulas e auxiliando na construção do conhecimento geográfico.

Foi observado que a utilização do livro didático em sala de aula faz parte do cotidiano escolar no ensino da Geografia, mesmo que alguns alunos não o porte, todos os alunos têm acesso ao material individualmente ou em dupla. Ressaltamos que a professora soube conduzir e mediar suas explicações com o uso do livro didático, não ficando limitada apenas a esse recurso, pois utiliza projeções de imagens, vídeos, desenhos e esquemas no quadro.

Entretanto, observou-se que em nenhum momento foi proporcionado ou mencionado pela professora outros espaços que pudessem vivenciar alguma prática. Como foi posto no início deste trabalho sobre a importância de vivências práticas para os alunos para a aprendizagem da Geografia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações sobre o uso do livro didático chegamos a duas questões: a primeira, de cunho eminentemente da prática pedagógica, quando destacamos o cuidado da professora quanto à organização e o planejamento das aulas de forma sequencial e contextualizada,

sendo possível observar sua autonomia frente ao livro didático, empregando outros recursos para explicação do conteúdo.

E a segunda, sobre o uso do livro didático, embora tenha sido trabalhado como material de apoio durante suas explicações, não foi promovido nenhuma discussão ou posicionamento crítico quanto aos conteúdos trabalhados em sala de aula, havendo a necessidade de ampliação da criticidade quando utilizado.

Desse modo, embora tenha sido empregado durante as aulas, o livro didático esteve presente em momentos pontuais de verificação para o acompanhamento do conteúdo ao ser explicado pela professora. Isso significa que ainda é necessário que o professor saiba explorar melhor o livro didático, indo além de um recurso de apoio durante as aulas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, W. M. P. **A Evolução do Ensino de Geografia no Brasil**. Web Artigos.2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-ensino-degeografia-no-brasil/13058/>. Acesso em: 10 maio de 2019.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Política de Materiais Didáticos, do Livro e da Leitura no Brasil. Série TV Brasil. Materiais didáticas escolhas e usos. **Boletim**. 14 /agosto de 2005.
- CALLAI, H.C. **A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?**. n 16. São Paulo: Terra Livre, 2001.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papyrus, 2012.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines**. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (1998: Rio de Janeiro, RJ). Oral history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]. v 1. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998.
- LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Coleção temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 2002.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena história crítica**. 20. Ed. São Paulo: Anablume, 1994.
- Pontuschka, Nídia; Paganelli, Tomoko; Cacete, Núria. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ROJO, Roxane. Série TV Brasil. Materiais didáticas escolhas e usos. **Boletim**. 14 /agosto de 2005.
- SILVA, L. M. e SAMPAIO, A. A. M; Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental. **Caminhos de Geografia** Uberlândia v. 15, n. 52 Dez/2014 p. 173–185
- VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ática, 1992.